

Economia - Brasil

## ECONOMIA

REFLEXOS DA CRISE: *Deutsche Bank do Brasil discorda de análise divulgada na Suíça por estrategista do banco para a Ásia*

## Presidente reage aos 'palpiteiros'

Em Davos, Fernando Henrique diz que analistas opinam sem ter informações sobre o Brasil

AFP

Maria Luiza Abbott e Deborah Berlinck

DAVOS

O presidente Fernando Henrique Cardoso reagiu às críticas e rebateu as previsões pessimistas sobre o Brasil feitas no Fórum Econômico Mundial, na Suíça. Na quinta-feira, os economistas Kenneth Courtis, do Deutsche Bank, e Rudiger Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), disseram que Brasil e Argentina seriam os dois países mais vulneráveis a um segundo baque na economia vindo da Ásia, o que poderia acontecer em seis meses. Fernando Henrique chamou os analistas de palpiteiros, porque opinam sem ter informações, e garantiu que, haja o que houver, o Brasil tem meios para enfrentar, como já demonstrou:

— Sempre existem palpiteiros. Se observarmos o que foi dito sobre a Ásia meses atrás, vê-se que são informações de gente que não vive nos países. Não são assim para serem levadas ao pé da letra. Às vezes há até interesse nessas informações — disse o presidente.

**FH: propósito do fórum não é discutir o que o Brasil fará**

Fernando Henrique observou que o propósito do Fórum não é o de discutir o que será feito pelo Brasil, por ser um assunto interno do país. Segundo o presidente, o evento propicia o debate sobre a volatilidade de capitais e criação de um sistema que assegure mais transparência nos dados econômicos e financeiros. À tarde, o presidente fez uma exposição sobre a situação da economia brasileira na sessão "A Construção de um Gigante Continental". Em 20 minutos, FH expôs os dados positivos, incluindo o programa de privatização, crescimento de reservas, de investimentos externos, o pacote para reduzir o déficit público e a expectativa de aprovação das reformas.

A primeira pergunta do presidente do Fórum, Klaus Schwab, foi exatamente sobre a sobrevalorização do real, alegada por economistas como Dornbusch, que o presidente criticara mais cedo. Schwab queria saber a opinião do presidente sobre essa estimativa de que a moeda brasileira está sobrevalorizada entre 15% e 30% em relação ao dólar.

— Como se mede o valor da moeda? Um dos meios são as exportações e elas cresceram 11% no Brasil, em 97, o que é uma boa resposta aos que acham que é preciso desvalorizar. Eu não acredito que seja necessário — respondeu.

O presidente insistiu que previsões anteriores, como a de um déficit de US\$ 16 bilhões na balança comercial em 97, não se concretizaram. O resultado da balança foi negativo, mas equivalente a pouco mais da metade do estimado.



FH, em Davos, entre os ministros das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampeira (à esquerda), e da Educação, Paulo Renato de Souza

Em nota divulgada ontem pela filial brasileira do Deutsche Bank, intitulada "Desvalorização no Brasil — de jeito nenhum!", os economistas Geoff Dennis, estrategista Global de Mercados Emergentes, e Jane Heap, estrategista para América Latina, disseram que o banco não encara o Brasil como o próximo país a sofrer uma desvalorização monetária, ao contrário do previu, na quinta-feira, o estrategista do banco para a Ásia, Kenneth Courtis.

"Nossa expectativa é de uma desvalorização de 7,4% em relação ao dólar para 1998, o que está de acordo com a afirmação do próprio Governo", diz a nota. No documento, o banco manifesta seu apoio à atual política cambial brasileira: "O sistema de banda cambial é um dos fatores responsáveis pelo o sucesso do Plano Real (...) e é nossa opinião que ele deve ser mantido."

Apesar da reação do presidente brasileiro, o economista Dornbusch voltou à carga, acusando Fernando Henrique de estar levando o país à recessão porque quer ser reeleito e que o país vai continuar a crescer "em ritmo de uma tartaruga", se o governo continuar administrando mal a economia. Sem men-

cionar nomes, Dornbusch ironizou a equipe econômica brasileira, dizendo que "enquanto os argentinos estão trabalhando, nós não sabemos o que os loucos do Brasil estão fazendo". Segundo o economista do MIT, o Brasil tem sido muito eficiente em limitar os estragos provocados pelas turbulências asiáticas e, por essa razão, não acredita que o país viva uma crise financeira como a da Ásia, pelo menos por enquanto. Mas o custo dessa política, na avaliação de Dornbusch, será o desaquecimento da economia brasileira.

O Brasil tem um problema de câmbio. O governo agora reconhece isso, depois de negar durante anos. Mas esse problema força o país em direção ao protecionismo, taxas de juros enormes e baixo crescimento, e isso não vai mudar esse ano, nem no próximo ano, nem no outro. Um país que tem a possibilidade de crescer 6%, está crescendo no ritmo de uma tartaruga e vai continuar. É uma ilusão acreditar que, com as eleições, de repente, todos esses problemas irão desaparecer — disse.

Um sinal da má gestão da economia brasileira, segundo o economista, seria o aumento das taxas de juros reais, em

outubro, para um patamar acima dos 40%, como medida de emergência contra a crise asiática. O modelo de gestão eficiente, para Dornbusch, seria o da economia Argentina:

— A economia argentina cresce ao ritmo de 7% ao ano e todos estão se cuidando. A Argentina está no caminho da prosperidade. Já no Brasil, todo mundo vai se encontrar com o ministro da Fazenda para conseguir uma mudança aquela outra acolá. Um "jeitinho, jogo de cintura" (disse em português). E por isso que o país está com problemas.

Dornbusch mandou "lembraças ao presidente Cardoso", depois de saber que Fernando Henrique o tinha criticado. Já o presidente brasileiro, ao ser informado sobre as declarações do economista, sorriu e disse:

— É. Talvez eu deva contratá-lo para ele nos dar uns conselhos.

As críticas de Dornbusch ao Brasil e à política econômica não chegaram a perturbar a equipe econômica. Acostumado com as posições do economista americano, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, lembrou que, há dois anos, Dornbusch previa que o real estava sobrevalorizado em cerca de 40%. Nesse

## O FIO DA MEADA

## Um economista afeito a polêmicas

• Ex-conselheiro de Bill Clinton, o economista Rudiger Dornbusch é arroz-de-festa das controvérsias econômicas pela mídia. Desde a década de 80, ele vem apontando o que considera a saída ideal para o Brasil. Mas seu prestígio por ter antecipado a crise do México no final de 94 ficou um tanto arranhado: aconselhou o Brasil a também desvalorizar a moeda. Ele bate sempre nessa tecla, embora com intensidade diferente. Há anos, dizia que o real estava 40% sobrevalorizado, baixou para 30%, depois deixou por 25% e, por último, 15%. Dornbusch também critica o controle da inflação por achar que paralisa o crescimento. Reabilita assim a tese do crescimento com inflação, cujos efeitos são bem conhecidos dos brasileiros.

E suas análises não são inofensivas. Em junho de 96, ele disse numa conferência que o Brasil estava à beira de crise igual à do México, por sobrevalorizar a moeda. Os C-Bonds, títulos da dívida externa de maior liquidez, caíram, arrastando brades do México e da Argentina.

período, o percentual caiu para 30, 25, 15 e 10%, sempre num cálculo simplista, longe da realidade. Ontem, Malan repetiu o comentário feito há dois anos, para comentar as previsões pessimistas:

— Na época, comentei que haviam pontos corretos e pontos novos nas críticas do Rudiger. O problema era que as coisas corretas não eram novas (o ajuste fiscal) e as novas não eram corretas (a sobrevalorização do real) — disse.

Malan e seus principais assessores acham que Dornbusch e outros economistas de plantão que fazem previsões sobre o Brasil não conhecem de fato a realidade da economia, nem acompanham as medidas tomadas para reduzir o déficit em conta corrente e melhorar as contas públicas. Malan ironizou as declarações de Dornbusch, com lembranças da época em que morou na Califórnia, Estados Unidos:

— Antes os jornais publicavam declarações de tarólogos, astrólogos e videntes em geral, com previsões sobre terremotos na região. Hoje esses bruxos continuam fazendo previsões, mas ninguém publica. Ninguém leva a sério. ■

COLABOROU Regina Alvarez